

Macroeconomia

DEZEMBRO DE 2018

1. INTRODUÇÃO

As negociações entre China e EUA seguirão em 2019 com encontros marcados para o início de janeiro. Esse será o evento que dará as cartas na economia global pelos efeitos que ela pode causar.

Os Estados Unidos estão em *shutdown* -, situação em que, devido à uma briga entre democratas e republicanos, o orçamento fica bloqueado, causando a paralisação dos serviços federais e, como promete ser longo, pode afetar o crescimento da economia americana.

A economia europeia dá sinais de desaquecimento, com diminuição da produção industrial alemã. Além disso, continua a novela do Brexit, que não deve mais ser adiado e pode acontecer em março, se isso estiver correto.

A economia na América Latina cresceu 1,2% em 2018, ou seja, abaixo do crescimento visto em 2017, puxado para baixo, principalmente pela Venezuela e Argentina. O desempenho dos países será apresentado adiante.

Para o Brasil, o principal fato é o final do governo atual e a entrada de um presidente que representa descontinuidade das políticas atuais, além de uma boa parte do congresso também vir desse descontentamento com o establishment, o que aumenta ainda mais o cenário de mudanças.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

O *shutdown* nos EUA podem afetar o rating americano: a agência Fitch anunciou que, se a paralisação passar de março, o país pode perder a nota AAA, e isso pode ajudar o Brasil a manter juros mais baixos.

Os resultados financeiros nos EUA foram ruins: índices de bolsas de valores em baixa, aumento da taxa de juros. Nesse cenário, a dívida americana cresce ainda mais rapidamente. O FED ainda sinalizou que os juros podem voltar a subir no futuro.

Foram criados 312.000 novos postos de trabalho em dezembro nos EUA, mas, apesar disso o desemprego subiu para 3,9%, o que após um péssimo mês de dezembro, gerou um sinal de alerta nos investidores.

O dólar teve um mês de dezembro ruim, mesmo com o aumento dos juros. As moedas locais se valorizaram perante o dólar, devido às incertezas acerca da política americana sobre juros, que poderiam subir no curto prazo.

A Europa está sofrendo com a crise do déficit não apenas dos países, mas dos bancos. A Itália teve um déficit aprovado para os próximos três anos pelo parlamento europeu, o mesmo acontecendo com a França, em vista dos protestos e da política do presidente Macron.

Com isso, o Banco Central europeu deve aumentar os juros em breve, pois o bloco já está

atrasado em relação aos EUA, na questão de juros.

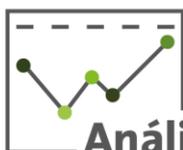
Os dados da economia chinesa mostraram que o seu setor de manufaturados está perigosamente próximo da contração, o que pode pressionar a China nas negociações com os Estados Unidos e fazer com que a política fiscal chinesa volte a ser fortemente estimulada.

A economia japonesa deverá ver mais estímulos, conforme fala do governador do Banco do Japão. Além disso, outra fala importante do governador citado foi a de sinalizar que o Japão não terá problemas em ter uma taxa de juros negativas para estimular o consumo, o que pode ser benéfico para o Brasil.

O Banco Central da Tailândia subiu os juros pela primeira vez desde 2015. Esse aumento foi de 0,25%, com a taxa saindo de 1,50% e chegando a 1,75%, podendo gerar uma pressão de baixa nos preços de arroz.

O Peru passa por um grande momento de turbulência na política, já que vivencia sua própria operação lava jato. A tentativa dos políticos de barrar essa operação gerou o pedido de demissão do Procurador-Geral. Os juros da economia, no entanto, não foram afetados e se mantiveram no mesmo patamar.

A Argentina teve um ano de 2018 para se esquecer, com uma queda no PIB que pode chegar a 2,6% -, o que prejudica a economia



Macroeconomia

DEZEMBRO DE 2018

brasileira por tabela, vez que se trata de um importante parceiro comercial. A moeda se estabilizou e o pior pode ter passado, mas a inflação em 2018 deve ficar próxima de 50%, só menor que a da Venezuela na América Latina.

Os preços do petróleo caíram devido ao excesso de oferta a US\$52,31 o barril. Se isso gera uma redução no custo do agricultor, por outro lado é um perigo para o produtor de cana

de açúcar, que vê seus ganhos reduzidos pelo baixo preço do combustível concorrente.

Os preços agrícolas caíram com o índice da FAO em queda em 1,3%, em novembro, puxado pelo óleo de palma e outros óleos vegetais. Para os cereais, todavia, os preços estão subindo e acima dos valores do ano passado.

3. BRASIL

Segundo o Boletim Focus do dia 4 de janeiro, o crescimento do PIB em 2018 deve ter ficado em 1,3%, enquanto o de 2019 começa com expectativa de 2,53%. Assim, o resultado de 2018 ficou abaixo do que foi previsto no primeiro relatório do referido ano, que previa crescimento de 2,69%.

Ainda, segundo esse relatório, a inflação de 2018 deve ter ficado em 3,69%; já a de 2019 tem previsão de 4,01%, sob efeito da taxa de juros estimada, ainda estar baixa. Deste modo, a inflação ficou um pouco abaixo da expectativa do primeiro relatório de 2018, que previa 3,95%.

O Banco Central manteve as taxas de juros em 6,5% ao ano após a última reunião do Copom, pois, segundo a ata “houve arrefecimento do risco de não aprovação de reformas e de não haver ajustes na economia brasileira”.

O desemprego de novembro ficou em 11,6%, significando 12,2 milhões de desempregados. Isso mostra uma queda no desemprego, entre janeiro e novembro, de 1,5%, sinalizando uma melhora da economia durante o ano de 2018.

As exportações do agronegócio em novembro cresceram 18,3%, em relação ao mesmo mês do ano anterior, chegando a US\$ 8,4 bilhões, puxadas, principalmente, pela soja. Subtraindo-se a importação, o resultado do agronegócio deve ficar acima de US\$7,3 bilhões, importantes divisas para o Estado.

O dólar iniciou dezembro cotado a R\$ 3,86 e fechou estável em R\$ 3,88, com atuações do banco central para evitar muita volatilidade provocada pelas incertezas causadas pelo brexit e pelo shutdown, ambos já tratados nesse artigo, visto que a moeda chegou a bater R\$ 3,95.

O preço das commodities, segundo o IC-Br, calculado pelo Banco Central subiu 0,42% na comparação com novembro, com as

commodities agropecuárias tendo o maior crescimento no mês, 2,90%, seguidas por metais que subiram 2,86%.

A balança comercial brasileira teve uma redução no superávit de 13%, ficando em US\$58,3 bilhões. Essa queda, contudo, está longe de ser considerada ruim, já que se trata do segundo maior superávit do Brasil desde 1989, quando a série começou a ser calculada. Destaca-se, para esse resultado, soja e farelo de soja, que bateram recordes de vendas, além de suco de laranja, pelo mesmo motivo.

O setor rural em 2018 apresentou excelentes números: além dos números já citados de exportação, outros dados apontam o bom momento do agronegócio nacional: a venda de máquinas agrícolas cresceu mais de 12% em 2018, mostrando que o setor está capitalizado. O registro de defensivos agrícolas cresceu também bastante no ano, o que mostra uma maior demanda por alternativas menos agressivas ao meio ambiente.

Muito desse bom momento se deveu a uma série fatores, que inclui: a briga entre China e Estados Unidos aumentou a demanda por produtos agrícolas do Brasil; a quebra na produção argentina que diminuiu a oferta de grãos no mercado internacional e aumentou ainda mais a procura pelo produto nacional, e o dólar elevado pelo otimismo que tomou conta da economia americana no ano, o que deixou a rentabilidade do exportador, que já estava em um momento favorável, ainda melhor.

Focando agora em 2019, a expectativa é de mais um bom ano para o agronegócio brasileiro: os números da Conab mostram mais uma safra acima das 230 milhões de toneladas. Somando-se esse contexto ao fato de que o boletim Focus mantém a expectativa de um dólar em um patamar próximo ao atual, a rentabilidade do agricultor deve continuar alta e as exportações, conseqüentemente, deverão seguir elevadas.